

GUERRA DE BIAFRA: AS IMAGENS DE UMA TRAGÉDIA REFLETIDAS NO ESPELHO SOCIAL

João Felipe Assis de FREITAS
Universidade Federal de Mato Grosso
jfafreitas@gmail.com

Resumo: História e literatura. Literatura e história. Assim como em um espelho onde podemos ver refletida a nossa própria imagem, a história pode também se ver na literatura e a literatura pode se ver na história consequentemente por meio do espelho social. Entender essa relação óptica demanda uma reflexão crítica do pesquisador no sentido de desvendar as imagens da complexa vida em sociedade construída e mantida segundo ideais políticos e econômicos de determinada época. Entre os países do continente africano, a Nigéria é talvez o país que mais viveu experiências de conturbação após sua independência da Inglaterra em 1960. Destaca-se a Guerra de Biafra, a qual produziu e tem produzido uma significativa quantidade de obras históricas e literárias ao longo dos séculos XX e XXI. Em *A História de Biafra: O Nascimento de um Mito Africano* (1977 [1969]), de Frederick Forsyth e *Half of a Yellow Sun* (2007 [2006]), de Chimamanda Ngozi Adichie, os autores apresentam sob matizes diferentes os contextos de ocorrência do referido conflito. A primeira obra é predominantemente histórica. Já a segunda obra é predominantemente literária. Enfim, buscamos a compreensão histórica e literária da representação da Guerra de Biafra nas duas obras mencionadas no corpo do presente texto.

Palavras-chave: Guerra de Biafra; história; literatura.

Introdução

O ser humano é capaz de narrar uma história de diferentes maneiras. Essa capacidade linguística inata ao indivíduo torna o trabalho científico um desafio instigante para o pesquisador da linguagem. O homem presenciou, ao longo do século XX, inúmeros acontecimentos positivos e negativos para a história da humanidade. Ocorre que apesar da importância dos eventos positivos vividos pelas sociedades, são infelizmente os eventos negativos que tornam possível o desenvolvimento do presente texto. As guerras, por exemplo, sejam aquelas de curta ou longa duração, são feridas ainda não cicatrizadas pelas vítimas. Dentre as grandes guerras travadas em solo africano, em meados da década de 60, ou seja, em um período após a independência das nações africanas, destacamos a Guerra de Biafra, que envolveu duas nações, sendo de um lado, a Nigéria e seu exército patrocinado indiretamente pelo governo britânico, e de outro, Biafra, nação recém-fundada pela etnia igbo, também acompanhada do próprio exército. Na época da ocorrência desse conflito, e mesmo após o encerramento oficial dele, tanto os escritores africanos quanto os não-africanos publicaram obras narrativas acerca da Guerra de Biafra. Duas dessas obras são centrais em nosso texto: *A História de Biafra: O Nascimento de um Mito Africano* (1977 [1969]), de Frederick Forsyth e *Half of a Yellow Sun* (2007 [2006]), de Chimamanda Ngozi Adichie. Na primeira, o autor, que esteve pessoalmente na região do conflito como jornalista correspondente de guerra,

narra, com auxílio de datas e locais, como já era de se esperar pelo título da obra, a história de Biafra, dividida em duas etapas, sendo a primeira, o caminho percorrido pelos *igbos* para a divisão do país, e a segunda, a luta dos *igbos* pela sobrevivência. Já na segunda, a autora, que não viveu diretamente os horrores da referida guerra, haja vista que ela só nasceu sete anos após o fim do conflito, narra também, por meio de uma intermediação com os tempos da narrativa, a história de cinco personagens, que no decorrer de toda a década de 60, lutaram a favor da construção de Biafra e contra a opressão do exército nigeriano. Portanto, o objetivo geral desta comunicação é compreender como as abordagens histórica e literária, realizadas respectivamente por Forsyth e Adichie, dialogam harmonicamente em textos tão diversos escritos em gerações tão distintas.

1. Linhas gerais sobre as obras de Forsyth e de Adichie

Frederick Forsyth esteve em Biafra por dois períodos. “O primeiro foi por conta da BBC¹, de 10 de julho de 1967 a 10 de setembro do mesmo ano; o segundo, como *freelance*, 18 de fevereiro de 1968 até o final de janeiro de 1969” (FORSYTH, 1977, p. 7). Ocorre que depois de certo tempo de trabalho como jornalista, ele sentiu a necessidade de escrever uma narrativa contemporânea da história da nação biafrense do princípio ao fim, tendo em mente a ideia de descobrir “os fatos certos” e contar “tudo da maneira como aconteceu” (FORSYTH, 1977, p. 9). Apesar de a obra possuir uma aparência de uma narrativa predominantemente histórica, ou seja, uma narrativa centrada no referente histórico da época do conflito, o autor não deixa de lado, no prefácio da obra, a face emotiva da narração:

Este livro não é um relato imparcial. Procura explicar o que é Biafra, por que seu povo decidiu separar-se da Nigéria, como reagiu ao que lhe foi infligido. Posso ser acusado de defender o caso biafrense, uma acusação que não seria de todo injustificada. É a história de Biafra e é relatada do ponto de vista biafrense. Não obstante, sempre que possível, procurei encontrar confirmações em outras fontes, especialmente estrangeiras (e na maioria britânicas), que estavam em Biafra no início da guerra, lá permaneceram, como o extraordinário grupo de padres irlandeses da Ordem do Espírito Santo, de Dublin, ou chegaram posteriormente, como jornalistas, voluntários e equipes internacionais de socorro aos refugiados (FORSYTH, 1977, p. 11).

O autor assume definitivamente uma posição na narrativa. Não só por ter estado meses no território biafrense, mas principalmente por ele acreditar na importância de se dar vez e voz a uma população que lutou por um ideal de liberdade coletivo em meio a todas as brutalidades e injustiças perpetradas contra o povo biafrense. Não devemos ler a obra de Forsyth com o objetivo de encontrar um relato completo da guerra, em todos os seus detalhes. Devemos ter em mente que a obra dele é fruto de um recorte centrado nas experiências próprias do escritor.

A História de Biafra: O Nascimento de um Mito Africano (1977 [1969]) está dividida em duas partes. Na parte 1 (O Caminho para a Divisão), composta por 7 capítulos, o autor começa a narrativa com um breve relato da história da Nigéria antes do início da guerra com Biafra em 06 de julho de 1967. O leitor compreende, já no capítulo 1, como a Nigéria foi formada pela Inglaterra por meio da reunião de povos irreconciliáveis; como esses povos

¹ A *British Broadcasting Corporation* ("Corporação Britânica de Radiodifusão", mais conhecida pelo acrônimo BBC), é uma emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922.

foram descobrir que, seguindo as determinações britânicas, as diferenças não se atenuaram, mas sim se acentuaram; como a estrutura deixada pela Inglaterra tornou-se finalmente incapaz de conter as forças explosivas nela confinadas.

Nas páginas seguintes, o autor narra o primeiro golpe contra os *igbos* em janeiro de 1966 (capítulo 2); o perfil inflexível do General Ironsi (capítulo 3); o segundo golpe contra os *igbos* em julho de 1966 (capítulo 4); os perfis políticos do Tenente-Coronel Gowon e do Tenente-Coronel Ojukwu (capítulo 5); a continuação das atrocidades contra os *igbos* (capítulo 6) e a tentativa final de conciliação entre as populações do norte, do oeste e do sul com as do leste da Nigéria (capítulo 7). A situação sociopolítica da Nigéria estava insustentável; a separação dos *igbos* do restante dos outros povos e a criação da República de Biafra, em 30 de maio de 1967, eram as únicas opções naquele momento.

Já na parte 2 (A Luta pela Sobrevivência), composta também por 7 capítulos, o autor apresenta a geografia e a política de Biafra (capítulo 8); os trinta meses de combate entre os exércitos nigeriano e biafrense (capítulo 9); o papel do Governo Wilson – da Inglaterra no apoio político e diplomático ao Governo Gowon – da Nigéria (capítulo 10); os refugiados, a fome e a ajuda internacional presentes no cotidiano da população biafrense (capítulo 11); a realização tardia de conferências de paz (capítulo 12); a questão do crime de genocídio (capítulo 13) e o papel de divulgação da tragédia pela imprensa internacional, especialmente a imprensa britânica (capítulo 14). No final do livro, o autor conclui que a solução para o fim da guerra entre as duas nações não ocorreria pela via militar, mas sim pela política, de modo que ambos os lados almejassem efetivamente o término das hostilidades e o estabelecimento da paz. Em 13 de janeiro de 1970, a Guerra de Biafra chega ao fim com a reintegração de Biafra à Nigéria.

Sete anos após o fim dessa guerra, Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Abba, no estado de Anambra, mas cresceu na cidade de Nsukka, onde se situa a Universidade da Nigéria. Quando ela completou dezenove anos de idade, deixou o próprio país e se mudou para os Estados Unidos da América. Assim que terminou os estudos na Universidade Drexel, na Filadélfia, Adichie transferiu-se para a Universidade de Connecticut. Fez estudos de Escrita Criativa na Universidade Johns Hopkins de Baltimore e Mestrado em Estudos Africanos na Universidade Yale. Esta breve biografia de Adichie mostra que, mesmo distante geograficamente e temporariamente da Nigéria, ela manteve o interesse pelas culturas africanas, em especial as de língua inglesa. A publicação de seu segundo romance é uma constatação cristalina de que Adichie construiu uma narrativa pós-colonial transcultural, caracterizada pelo posicionamento do autor na diáspora e pela diluição ou fragmentação da nação como um ponto de referência narrativo (FRASER, 2000). A Guerra de Biafra foi um acontecimento trágico na Nigéria, e, é justamente essa tragédia, inesquecível principalmente para a etnia *igbo*, que Adichie narra, de maneira ficcional no romance, as sensações dela sobre a guerra:

Este livro baseou-se na Guerra Nigéria-Biafra de 1967-1970, porém algumas liberdades foram tomadas, em nome da ficção; minha intenção é retratar minhas próprias verdades imaginadas e não os fatos da guerra. Ainda que algumas personagens tenham como base uma pessoa real, seus retratos são fictícios, assim como os eventos dos quais fazem parte. Fiz uma lista dos livros (a maioria usa a grafia anglicizada de *Ibo por Igbo*) que me ajudaram nas pesquisas. Devo muito a seus autores. Em especial, *Sunset at Dawn*, de Chukwuemeka Ike, e *Never Again*, de Flora Nwapa, foram indispensáveis na descrição da atmosfera reinante na classe média de Biafra; a própria vida de Christopher Okigbo e seu *Labyrinths* inspiraram a personagem de Okeoma; ao passo que *The Nigerian Revolution and the Biafran War*, de Alexander

Madiebo, foi fundamental para a criação do coronel Madu (ADICHIE, 2007, p. 435, tradução minha).

A autora deixa claro, em nota ao romance, que ela fez uso consciente de “liberdades” na presente ficção. Não só evidentemente por ela não ter vivido à época da guerra, mas porque o objetivo geral dela era retratar as próprias “verdades imaginadas”, isto é, transpor as verdades supostamente possíveis a respeito da guerra para o texto literário. Adichei não tinha a pretensão de registrar os retratos reais dessa guerra, pois o objetivo dela era, na verdade, registrar, após as longas pesquisas, os “retratos” “fictícios”, bem como os impactos dessa guerra nas vidas das personagens. Em *Half of a Yellow Sun* (2007 [2006]), Adichie, narra, por meio de uma intermediação com os tempos da narrativa, a história de cinco personagens, que no decorrer de toda a década de 60, lutaram a favor da construção de Biafra e contra a opressão do exército nigeriano no contexto da Guerra de Biafra. O romance possui trinta e sete capítulos, os quais estão distribuídos em quatro partes estruturalmente interdependentes.

Na Parte 1 (início dos anos 60), a autora estabelece a casa de Odenigbo, localizada próxima à aldeia de Ugwu, como um local de (des)encontros entre diferentes culturas africanas e não africanas; define os perfis comportamentais das duas irmãs “gêmeas”: Kainene e Olanna; e relata os primeiros golpes ocorridos no norte do país contra os *igbos*, com destaque para Mbaezi e Ifeka (tios de Olanna) e Arize (prima de Olanna). Na Parte 2 (fim dos anos 60), a autora expõe a angústia de Odenigbo e Olanna ao receberem a notícia de mais um golpe contra os *igbos* que viviam no norte do país; descreve os primeiros sentimentos de Odenigbo, Ugwu e Olanna após a Proclamação da República de Biafra pelo General Ojukwu; e atesta para o iminente início da guerra entre Nigéria e Biafra, haja vista a presença do clima de tensão entre as nações.

Na Parte 3 (início dos anos 60), a autora explora a traição entre as personagens: Odenigbo (namorado de Olanna) com Amala e Olanna com Richard (namorado de Kainene); justifica o interesse de Richard, jornalista e escritor inglês, pela cultura *igbo*; e revela a identidade da mãe biológica de Baby. Na Parte 4 (fim dos anos 60), a autora chega, enfim, a narração sobre a Guerra de Biafra; apresenta as ações nefastas do exército nigeriano mediante os constantes bombardeios aéreos sob a população civil biafrense; e destaca a luta pela sobrevivência dos biafrenses em um território com o crescimento frenético dos campos de refugiados, de doenças decorrentes da subnutrição das crianças e das ajudas internacionais.

2. A história e a literatura nas abordagens de Forsyth e Adichie

A Guerra de Biafra é um enredo típico entre os escritores africanos, principalmente entre os nigerianos. Praticamente todos os autores da etnia *igbo*, envolvidos diretamente ou indiretamente com a guerra, publicaram romances acerca desse trágico conflito. Se o tema bélico é um leitmotiv literário, a relação entre história e literatura é uma perpétua contenda, haja vista que cada uma aborda o assunto a partir de uma determinada perspectiva. Linda Hutcheon (1991 [1987]) lembra que a história e literatura eram consideradas, no século XIX, como ramos da mesma árvore do saber, mas com o advento da “história científica”, a separação entre ambas foi inevitável. No entanto, é importante destacar que as atuais leituras críticas da história e da literatura têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças.

Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizadas em suas formas

narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa (HUTCHEON, 1991, p. 141).

Tanto Forsyth quanto Adichie apresentam verossimilhanças em relação à Guerra de Biafra em suas respectivas obras. Forsyth presenciou, devido ao trabalho como jornalista correspondente de guerra, a maioria dos acontecimentos econômicos, políticos e sociais à sua volta no exato momento em que as decisões eram tomadas pelos líderes regionais. O autor critica um dos argumentos dominantes da época que considerava o surgimento de Biafra como a destruição da unidade da Nigéria. Ocorre que, segundo ele, a Nigéria jamais foi uma nação feliz, harmoniosa e unida, desde o período pré-colonial, incluindo os sessenta anos de colonialismo, os sessenta e três meses de governo republicano até chegar à eclosão da Guerra de Biafra:

A 30 de maio de 1967, quando Biafra se separou, a Nigéria não era feliz nem harmoniosa e há cinco anos que vinha tropeçando de crise em crise, por três vezes estivera à beira da desintegração. Em cada caso, embora a centelha imediata tenha sido política, a causa fundamental foi a hostilidade tribal profundamente enraizada nessa nação enorme e artificial. É que a Nigéria jamais passou de um amálgama de povos reunidos no interesse e em benefício de uma potência européia (FORSYTH, 1977, p. 15).

A Inglaterra não respeitou as diferenças tribais entre iorubás, igbos, hausas, kanuris e fulanis nos momentos em que exerceu o domínio sociopolítico e principalmente cultural na Nigéria. Cada tribo possuía suas próprias formas ancestrais de organização social. Algumas tribos eram mais receptivas à chegada do homem branco e suas ideias imperialistas de imposição de uma língua europeia comum; outras eram mais tradicionais e viam com suspeita a aproximação e difusão dos princípios culturais do colonizador inglês. Uma convivência pacífica entre as tribos era uma missão quase impossível haja vista as diferenças que se criaram devido ao processo de colonização particular em cada tribo. Por exemplo, no norte da Nigéria, onde os hausas eram a maioria da população, os igbos enfrentaram muita hostilidade por parte daqueles, pois os igbos passaram a ocupar os melhores postos de trabalho, enquanto que os hausas permaneceram nos antigos empregos. Na verdade, qualquer interferência direta ou indireta de uma tribo em outra significaria o começo de algum conflito que quase sempre resultava em mortes. A Guerra de Biafra, nesse sentido, foi uma tentativa dos igbos de contruírem uma nação longe dos hausas os quais foram responsáveis pelo desencadeamento de dois golpes com uma centena de mortes de igbos no norte do país. Sendo assim, Forsyth atribui inicialmente a responsabilidade pela ocorrência da guerra aos ingleses que, na manutenção incessante do poder imperial, desconsideraram as diferenças entre as tribos nigerianas e, nessa toada, contribuíram para que as próprias tribos entrassem em conflito posteriormente umas contra as outras.

Por sua vez, Adichie, que não testemunhou a guerra, mas que antes de escrever o próprio romance, leu pelo menos trinta e uma obras de autores africanos e não africanos acerca dessa guerra, (re)criou história(s) paralela(s) à Guerra de Biafra. Nesta (re)criação de Adichie, personagens fictícias (como Ugwu, Odenigbo, Olanna, Kainene e Richard) e reais (como Coronel Gowon e Coronel Ojukwu) constroem o enredo do romance lado a lado. A autora não deixa nítido exatamente se a ocorrência da guerra é de reponsabilidade dos ingleses, que desde o início dos primeiros ataques aos ibos nada fizeram, mesmo que indiretamente, para coibir a ação dos hausas no norte; ou se dos próprios africanos, que conscientes da assimilação dos elementos da cultura inglesa por algumas tribos, assumiram

uma atitude de revolta contra os membros dessas tribos. No entanto, o que fica evidente na narração do romance é a fragilidade humana em todos os seus aspectos: antes, durante e principalmente depois da guerra.

Após a transmissão [radiofônica do armistício], Olanna sentiu-se atordoada e descrente. Sentou-se.

“E agora, minha senhora?”, perguntou Ugwu, sem qualquer expressão no rosto.

Ela desviou o olhar para os cajueiros cobertos de pó, depois para cima, na direção do céu que se curvava rumo à terra numa parede sem nuvens.

“Agora posso sair para encontrar minha irmã”, disse baixinho.

Passou-se uma semana. Uma caminhonete da Cruz Vermelha chegou ao centro de refugiados e duas mulheres distribuíram copos de leite (ADICHIE, 2007, p. 412, tradução minha).

O embate final, a fome, a insegurança e a amargura sofrida pela população da nação biafrense transparecem profundamente nos sentimentos das personagens, que até aquele momento do conflito já tinham abandonado literalmente a política e a ideologia da causa biafrense, enquanto a ironia e a hipocrisia subjazem ao paliativo da entrega do leite. O desespero físico e psíquico, fatores além de uma mera solução temporária como a da Cruz Vermelha, prenunciam problemas sociopolíticos ainda mais agravados após o fim bélico (BONNICI, 2012, p. 310). Essa estratégia da metaficção historiográfica de Adichie realça a limitada e efêmera perspectiva humana. A tensão, portanto, está nas ações e atitudes das personagens diante dos ‘fatos históricos,’ apenas intimados, do anúncio de rendição do exército de Biafra e das arbitrariedades dos vencedores.

É comum admitirmos que exista uma separação radical entre os pressupostos básicos que estão por trás do mundo da história e do mundo da ficção, pois os referentes da história são vistos pelos estudiosos como reais, ao passo que o mesmo não ocorre com a ficção. Ocorre que a respeito da abordagem da metaficção historiográfica, Linda Hutcheon (1991) sugere o seguinte:

A metaficção historiográfica demonstra que a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada, e nesse processo, consegue ampliar o debate sobre as implicações ideológicas da conjunção foucaultiana entre poder e conhecimento – para os leitores e para a própria história como disciplina (p. 158)

Tanto a ficção como a história são influenciadas por questões similares, como a ideologia e a subjetividade. Em outras palavras, todo texto ficcional ou histórico carrega em si um discurso marcadamente de quem o escreve e conseqüentemente o publica.

Outra semelhança entre as obras em estudo é a identificação delas como construtos linguísticos. Forsyth faz uso constante da linguagem referencial no texto, principalmente quando ele detalha determinados eventos com informações precisas sobre a data, o local e as pessoas. Entretanto, Forsyth, consciente da recepção que a obra dele teria diante da crítica internacional, não poupou esforços em despertar no leitor algum sentimento que fosse ao encontro da causa biafrense. Adichie, pelo contrário, dá outra vida ao texto verbal. Não que ela não tenha sido literariamente capaz de nos despertar o poético; mas, pelo fato de Adichie optar pelo romance, “gênero único em evolução” (BAKHTIN, 1998, p. 400), e nele narrar o impacto devastador da guerra nas vidas das principais personagens, por meio de uma

intermediação com os tempos da narrativa, faz com que nos encontremos com uma pluralidade de leituras. É como se existisse pelo menos outro romance subterrâneo do mesmo romance.

Considerações Finais

Ao final do texto, compreendemos que as narrativas de Forsyth e de Adichie são estruturalmente plurissignificativas. Não temos como olhar para uma obra e não ver nela todo um reflexo de imagens discursivas do autor, sua maneira de se expressar, de convencer o leitor, de ampliar o universo etc. Ambos os autores proporcionaram uma reflexão significativa acerca da Guerra de Biafra.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Half of a Yellow Sun*. London; New York; Toronto; Sydney: Harper Perennial, 2007 [2006].

BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. da UNESP/HUCITEC, 1998.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2. ed. Maringá: Ed. da UEM, 2012.

FORSYTH, Frederick. *A História de Biafra: O Nascimento de um Mito Africano*. Rio de Janeiro: Record, 1977 [1969].

FRASER, Robert. *Lifting the sentence. A poetics of postcolonial fiction*. Manchester; New York: Manchester University Press, 2000.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad.: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991 [1987].